UCLA
Mester

Title
Guerra, Álvaro. Café República: Folhetim do Mundo Vivido em Vila Velha (1914-1945), O Jornal, 1982.

Permalink
https://escholarship.org/uc/item/4rt1f4d4

Journal
Mester, 16(1)

Author
Bakuzis, Alida

Publication Date
1987

DOI
10.5070/M3161013808

Copyright Information
Copyright 1987 by the author(s). All rights reserved unless otherwise indicated. Contact the author(s) for any necessary permissions. Learn more at https://escholarship.org/terms

Peer reviewed

eScholarship.org Powered by the California Digital Library
University of California

# Review

Guerra, Álvaro. *Café República: Folhetim do Mundo Vivido em Vila Velha (1914-1945)*, O Jornal, 1982.

Segundo Álvaro Guerra, "Como centro do mundo, Vila Velha era um lugar relativamente abrigado das contingências e caprichos da História" (cap. I, 5). Focalizando-se na época das duas grandes guerras, *Café República* ilustra esta contingência em termos da vida cotidiana, contando a participação da Vila, perifericamente, mas ainda assim, essencialmente, na "maior matança colectiva da história moderna" (cap. III, 12). Todas as tendências conflituosas da época, resolvendo-se em Portugal numa ditadura corporatista desfeita somente em 1974, acham reflexos particulares, vila-velhenses. Pondo em relevo personagens políticos de toda estirpe nas suas vidas econômicas, sociais e culturais, *Café República* resulta em um esforço de auto-conhecimento português, medindo a influência contemporânea desta época difícil.

O folhetim conta entre os seus praticantes os mais ilustres prosadores portugueses do século XIX: Garret, Castello Branco y Eça de Queirós. Porém, a forma, importada da França e Inglaterra no século XIX, é marcada pelo urbanismo destes países tanto na sua temática e produção como nas qualidades do seu público leitor. Como forma importada, o folhetim, como outras importações culturais, nem sempre é transformado de acordo com a realidade rural e provincial dominantes em Portugal. Na escolha do folhetim, Álvaro Guerra prefere fazer ao nível formal o que faz ao nível temático: indagar a natureza da integração da realidade periférica portuguesa nas "contingências e caprichos da História." Passado o auge do Realismo, as velhas técnicas realistas já não servem os propósitos de Guerra. Esforçando-se para captar a modernização, o autor, em outros romances, como seus contemporâneos portugueses, passa pelo neo-realismo e experimentalismos existenciais e formais, numa crescente consciência do poder e da impotência da palavra e do indivíduo na construção tanto do mundo real como do fictício. Com esta perspectiva estético-filosófica, Álvaro Guerra constrói *Café República*. A voz narrativa da obra nos dá uma idéia explícita de como o texto enfrenta o(s) seu(s) assunto(s):

> É, enfim, tempo de advertir o leitor sobre um aspecto essencial deste folhetim do mundo vivido em Vila Velha. Trata-se provavelmente de uma redundância. Mas corramos o risco que não o é, de resto, o único que percorre as páginas perigosas deste manuscrito salvo das águas turvas da memória.
>
> Assentemos, pois, num ponto: a realidade não é a sua narrativa. O conto tão depressa a enriquece como a empobrece. Jamais a palavra coincide com

o justo valor da verdade. Desiludam-se, portanto, os que não virem nesta crónica o rigor fantástico da ficção. Os factos históricos tambem são poeira nos olhos dos burócratas—a ciência opera à medida das conveniências. E todos os desígnios são perversos.

Qualquer eventual equívoco de leitura pode até custar a liberdade. E nada merece tão alto preço, nem sequer a sublime perversidade da certeza absoluta.

Assim, regressemos, sem preconceitos, à grandeza de Vila Velha onde o mundo é tão pequeno que cabe nume conversa de café. (cap. XXIX, 126)

Assim explica-se em parte o título do livro. Além de ser um tipo de microcosmo, a "República" de *Café República* é uma expressão de um dos temas principais do livro que "Jamais a palavra coincide com o justo valor da verdade." Assim, a República portuguesa não o é; nem os comunistas representam a liberdade, ou melhor, a libertação. Através dum caso de amor infeliz entre Judite Castro, a filha de um dos dois "capitalistas" de Vila Velha, e Pedro Neves, um trabalhador vila-velhense que vira organizador para o Partido Comunista, Álvaro Guerra demonstra simpatia pela liberdade das massas portuguesas. No entanto com as suas suspeitas de "desígnios" e "certeza absoluta," o autor revela um anti-comunismo e se limita a um humanismo que tende a cinismo. No caso do amor entre os dois personagens, a burguesa-aristocrática sai mais humana e representa a verdadeira tendência do autor. No nível menos personalizado, o texto chega a equiparar o Staline ao Hitler, e num parágrafo-lição do livro, no último capítulo, o autor reduz o significado de toda a Segunda Guerra Mundial, que ele mesmo demonstrou ter uma base num nexo socio-político-ideológico, a "ambição incomensurável de um punhado de homens liderados por um louco cruel" (231) na "monstruosa aberração do nazismo" (231):

Durante mais de cinco anos, milhões de homens, mulheres, e crianças foram massacrados, centenas de cidades que eram outros tantos testemunhos da cultura europeia estavam em ruínas, pela ambição incomensurável de um punhado de homens liderados por um louco cruel. A Vila Velha chegavam os ecos longínquos do horror, pronunciavam-se com erros os nomes malditos de Auschwitz, Buchenwald, Treblinka, Dachau, Maideneck . . . Desolação e morte, eis o que restava do crepúsculo dos falsos deuses. Construindo a sua grandeza sobre o ódio e a violência, o Reich de mil anos durara pouco mais de doze. Vivia-se a ilusão de que os homens jamais esqueceriam a monstruosa aberração do nazismo. (231)

E temendo um novo massacre, desta vez (implicitamente) derivado do "comunismo," o autor nos dá, entre uns "Documentos anexos," uma "Pequena antologia sobre o modo de construir um Reich de Mil Anos" (244-247).

Se estes são os enfoques temáticos e didáticos, *Café República*, com sua

técnica gerada do folhetim, ou crônica, nos dá um painel repleto de eventos em Vila Velha, na Nação, no império português, na Europa e no mundo. O texto mantém uma urbanidade intelectual com uma fluidez e uma estrutura fundada nas atividades e palavras de personagens chaves, alguns sendo caricaturas fortemente ironizadas, como a religiosa eccêntrica e fascista, a D. Ermelinda Pacheco, viúva do juíz; Zacarias Gorjão, o anarquista; e Aníbal Castro, o "administrador" do império na áfrica. Há um bocado de eventos humorísticos, muitos tendo uma função crítica à sociedade a servir: as aventuras juvenis do Século, filho de uma das duas famílias principais da vila; um doido que anda pelas ruas dizendo "viva a República" em momentos (in)oportunos; a campanha pela construção de um monumento em Vila Velha ao Prior do Crato. Há fatos mais cotidianos como a chegada em Vila Velha do cinema, do charleston, de saias curtas. Há fatos importantes e curiosos, como a chegada de *O Capital* a Vila Velha, e a organização feita por alguns habitantes da Vila para que outros vila-velhenses participassem ativa ou passivamente do lado fascista na Guerra Civil da Espanha. As cenas integradas nos dá uma visão da província tocada até a medula dos ossos pelos ventos da história mundial, uma visão da província que não "cabe numa conversa de café," embora pareça que caiba, uma boa parte do tempo, aos habitantes, como nos dá uma idéia das manifestações desiguais da corrente dos desenvolvimentos motivadores do mundo. Aqui achamos o maior valor desta obra.

Alida Bakuzis
University of California,
Los Angeles